



O desespero foi a primeira reação de muitos diante do fato consumado

Esperança dá lugar a choro e resignação

Mas um coro com o "Hino Nacional", cantado por 300 pessoas misturado às lágrimas, ampliou às 11h50 o clima de emoção próximo ao Instituto do Coração. Os populares davam-se as mãos e as estendiam para o alto.

Através de emissoras de rádio, o superintendente regional da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, pedia que a população não viesse para a porta do instituto. "Amanhã (hoje) de manhã, todos poderão homenagear o presidente da República", destacou Tuma.

As 23 horas, no meio da pequena multidão, um grupo de jovens gritou algumas palavras de ordem como "Liberdade, Brasil", "Diretas, Já", "Abaixo os militares", mas logo dispersou. Os populares continuaram, porém, sempre de mãos dadas e cantando o Hino Nacional.

— Tancredo era minha esperança. Senti a morte de Getúlio, de Juscélino, sofri com a renúncia do Jânio, mas com Tancredo é diferente. Tancredo era como alguém lá de dentro, alguém da família da gente — desabafou Alzira Augusto Queijo, 52 anos, telefonista da Ultragás, que veio ao Instituto, com a filha, um sobrinho de 9 anos e o cunhado.

O mastro defronte ao Instituto do Coração recebeu a Bandeira Nacional, que ficou apenas colocada junto ao chão. No Centro de Convenções Rebouças, duas faixas foram erguidas: "Basta, o sistema

médico hospitalar, acobertado pelo código de ética e outros interesses, precisa ser reformulado já". E "será que a vaidade, o sigilo médico, estrelismo e as ambições não comprometeram a saúde do presidente? Que se apurem, se for o caso, as responsabilidades, e se faça justiça".

São Paulo — Pela primeira vez, nesses 39 dias de internação do presidente Tancredo Neves no Instituto do Coração, a esperança não foi hoje o sentimento dominante entre as pessoas que vêm diariamente à porta do hospital acompanhar o estado de saúde do paciente mais famoso do Brasil. O otimismo, muitas vezes sustentado apenas por uma fé inabalável, deu lugar à resignação.

Até mesmo cartazes e pichações aceitando a morte de Tancredo apareceram nos murais onde os slogans otimistas eram praticamente obrigatórios. "Só sairemos daqui quando o senhor sair. Vamos segui-lo vivo ou morto", anunciava um cartaz. "Estão matando a nossa última esperança, Tancredo". Frase escrita com spray num muro do Cemitério do Araca.

Outro sintoma da aceitação do quadro irreversível do presidente foi a própria diminuição de populares nas redondezas do hospital. Também o número de visitantes foi bastante reduzido. De políticos, apenas o ministro da Administração, Aluisio Alves, esteve ontem com a família, deixando o hospital com ar de desânimo.